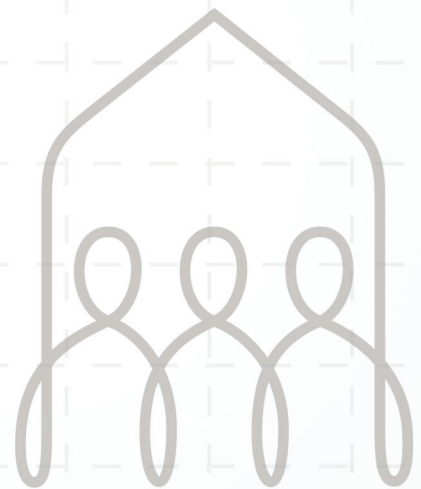


Escola de **LÍDERES**

UNIÃO CENTRO-OESTE BRASILEIRA



Escola de **LÍDERES**

UNIÃO CENTRO-OESTE BRASILEIRA

Olá amigo! Chega em suas mãos uma ferramenta, um norte para fazer de sua rede um ambiente de constante expansão. Lembro ainda que você tem a liberdade de ampliar e ajustar os conteúdos e os programas que propomos aqui. Tudo foi pensado com muito carinho com base em práticas saudáveis de formação de líderes, utilizadas dentro e fora do meio adventista com resultados significativos. Mas independentemente de benefícios ou de qualquer motivação, quero que você pense em um processo no qual fazemos a nossa parte e deixamos os resultados com o Espírito Santo. Cultive a ideia de **formação, multiplicação e envio.**

Líderes, discípulos não nascem prontos, são feitos. Treiná-los para o envio é um estilo bíblico de vida. Moisés mentoriou Josué, e Elias treinou Eliseu. Os apóstolos foram chamados e treinados por Jesus. Barnabé discipulou Paulo que, por sua vez, discipulou Timóteo. Pastores líderes precisam desenvolver líderes que o seguirão a todo custo.

Em Mateus 28:18-20 Jesus estabeleceu uma ordem clara de marcha para sua igreja. Uma análise desses versículos demonstram que dos quatro verbos principais que aparecem aqui, apenas “fazer discípulos é usado no imperativo. Os outros três verbos complementam a tarefa principal de fazer discípulos. A ordem de Cristo é clara. Somos chamados para guiar cada novo converso na fé até que alcance a maturidade. Isso tem a ver com reprodução.

Lancemos o olhar um pouco mais além. A multiplicação de líderes tem um potencial praticamente ilimitado. Não precisamos temer começar ou dar continuidade a esse movimento porque se trata de algo plenamente da vontade do Senhor.

Tudo o que a igreja local espera é ver uma liderança cujo os olhos brilhem pela expansão do reino de Deus. Desenvolver pessoas que se multipliquem é uma atividade sublime porque não se trata de algo passageiro ou sazonal. Essa estratégia divina é uma mudança de paradigma, de visão, de vida.

Ellen White mostrou, por meio da inspiração profética, o que os líderes dessa igreja devem fazer: “Os que ocupam posições de influência e responsabilidade na igreja, devem estar na dianteira da obra de Deus. Se avançarem relutantemente, outros nem se moverão. Mas “seu zelo” estimulará muitos. Se sua luz arder brilhante, mil tochas se acenderão à sua chama” (*Serviço cristão*, p. 75).

Que você seja uma luz, cuja chama, ao arder, possa incendiar outras tochas desencadeando um verdadeiro movimento de gente que lidera, cuida e salva.

Um abraço.



Pr. Manoel T. Nunes
Ministério dos Pequenos Grupos - UCOB


**Igreja Adventista
do Sétimo Dia**
UNIÃO CENTRO-OESTE
BRASILEIRA

Produção Executiva:

Aljofran Brandão
Matheus Tavares
Gilnei Abreu

Autor:

Manoel T. Nunes

Colaboradores:

Marcelo Nieck
Adeilton Ângelo
Marcio Santos
Gessé Vieira
Regerson Molitor
Luciano Borges
Maiquel Nunes

Projeto Gráfico:

Marcos S. Santos

Revisão:

Jessica Manfrim

Imagem da Capa:

Freepik

Foto: Lightstock




**SER IGREJA É
SER AMIGO**

PROPOSTA DE CURRÍCULO

MODULAR | SEMI-INTENSIVO | INTENSIVO

MODULAR 4 MESES

Duração de 4 meses.

Uma manhã de domingo a cada mês.

Das 8h às 11h10.

PROGRAMA

08:00 Louvor

08:15 Oração

08:20 Abertura (Introdução
ao curso e informações
gerais)

08:30 Sorteio 1

08:35 Quebra-gelo

08:40 Vídeo Testemunho 1

08:45 Aula 1

09:20 Momento de oração

09:25 Sorteio 2

09:30 Aula 2

10:10 Testemunho 2

10:20 Tarefa do dia (mês)

10:30 Aula 3

11:10 Encerramento e Oração

SEMI-INTENSIVO 2 MESES

Duração de 2 meses.

Oito encontros de uma hora.

Manhãs de domingo.

PROGRAMA

09:00 Cântico

09:10 Quebra-gelo

09:15 Aula

09:55 Tarefa

10:00 Oração e despedida

Obs.: 1 *Esse modelo deverá ser praticado de acordo com a realidade de cada região. Ele foi elaborado com vistas à participação de mulheres e bons líderes com o fim de semana bem comprometido.*

Obs.: 2 *Durante esse período, cada líder deve ser pastoreado em uma intensidade e intencionalidade maior por parte do líder discipulador, coordenador, supervisor e/ou pastor.*

OBJETIVO GERAL

Oferecer conteúdo histórico, bíblico e prático a respeito da visão bíblica de discipulado relacional e toda sua aplicação no contexto da igreja atual. Além disso, dar subsídios e ferramentas para a prática da liderança pastoral de pequenos grupos em uma igreja discipuladora local.

INTENSIVO UM FIM DE SEMANA

Duração de um fim de semana.

Sexta-feira, das 18h30 às 21h.

Sábado, das 7h45 às 18h.

PROGRAMA

SEXTA (Noite)

18:30	Jantar
19:30	Momentos de louvor
19:45	Boas-vindas
19:50	Oração
19:55	Objetivo do Encontro
20:05	Quebra-gelo
20:15	Seminário 1 – “Teologia da Missão”
20:45	Testemunho (Vídeo, ao vivo, etc.)
20:55	Cântico
21:00	Oração
21:10	Encerramento

SÁBADO (Manhã)

07:45	Boas-vindas
08:00	Cânticos
08:10	Oração
08:15	Escola Sabatina – Grupos
08:45	Mensagem Musical
08:50	Seminário 2 – A história da Igreja Relacional
09:15	Grupos interativos
09:35	Intervalo
09:45	Louvor
09:55	Seminário 3 – A Visão Bíblica de Discipulado Relacional – “Ser Igreja é Ser Amigo”
10:20	Grupos Interativos
10:40	Momento de Oração
10:50	Testemunho
10:55	Seminário 4 – O Plano Mestre
11:20	Grupos Interativos
11:40	Almoço

SÁBADO (Tarde)

13:30	Momentos de Louvor
13:45	Oração
13:55	Painel - Perguntas e respostas
14:40	Momento de Oração
14:50	Intervalo
15:00	Seminário 6 – O Encontro Semanal
15:25	Grupos Interativos
15:40	Seminário 7 – O Anfitrião
16:05	Grupos Interativos
16:20	Seminário 8 – Líderes Livres de Esgotamento
17:05	Grupos Interativos
17:20	Seminário 9 – A Vinda do Consolador (Devocional)
18:00	Encerramento

Obs.: Esse modelo deverá ser praticado de acordo com o grau de maturidade da liderança a ser formada.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Formar, multiplicar e enviar.

PÚBLICO ALVO

Pastores, líderes aprendizes (que possuem vivência de comunidade), coordenadores e supervisores.

Sumário

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

BLOCO 1

O fundamento bíblico da Missão	8
A Visão Bíblica de discipulado Relacional	11
Introdução à história da Igreja relacional	16

BLOCO 2

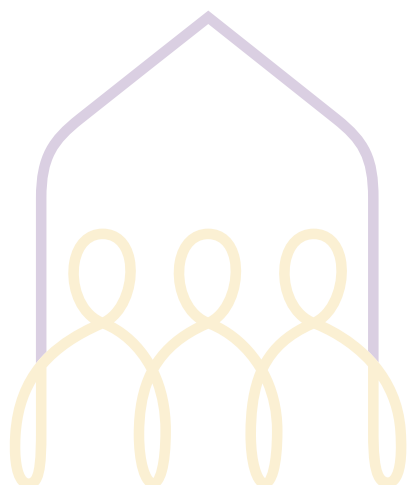
O plano Mestre	22
Comunidade Transformadora	25
Gente cuidando de gente e os desafios do pastoreio	28

BLOCO 3

A Rede sua implantação e gerenciamento	32
A multiplicação de Líderes	34
Evangelismo relacional na pós modernidade	36

BLOCO 4

O encontro semanal	41
O Anfitrião	43
Líderes livres de esgotamento	45



SER IGREJA É
SER AMIGO

BLOCO 1

**O fundamento
bíblico da Missão**

**A Visão Bíblica
de discipulado
Relacional**

**Introdução à
história da Igreja
relacional**

1

O fundamento bíblico da missão

A – MISSÃO NO ANTIGO TESTAMENTO – SUA NATUREZA

- [1] A missão começa com Deus (Gn 3:9-15).
 - [a] O objetivo da missão é o homem culpado.
 - [b] O primeiro passo da missão é a busca do perdido para conscientizá-lo de sua culpa e lhe revelar a salvação.
 - [c] As quatro perguntas de Deus (Gn 3:9, 11, 13).
 - [1] Onde estás?
 - [2] Quem te fez saber que estavas nu?
 - [3] Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?
 - [4] Que é isso que fizeste?
 - [d] À serpente, Ele não pergunta. Declara seu juízo, e a coloca sob a Sua ira.
 - [e] Resistência do homem: Adão culpa a Eva, Eva culpa a serpente e a Deus – Deus não insiste em conscientizar da culpa, mas revela a salvação (Gn 3:15).

- [2] Deus entrega a missão aos homens. Eleição (Rm 9:10-13).

O PROCESSO

- [a] ENOS – “Começou a [se] invocar o nome do SENHOR”. (Gn 4:26).
 - [1] Essa expressão se usa no AT para indicar um culto público.
 - [b] NOÉ – Da casa de Lameque, descendente de Enos, Deus escolheu a Noé (Gn 6:13, 14).
 - [c] ABRAÃO – Da família de Sem. Deus escolheu a Abraão (Gn 12:3; 22:18 e 18:18, 19).
 - [d] ISAQUE – (Gn 26:4).
 - [e] JACÓ – Entre Esaú e Jacó, Deus escolheu a este último (Gn 28:14).
 - [f] ISRAEL – A nação (Dt 7:6-8). Deus escolheu a Israel para cumprir seu juramento: ser uma bênção a todos os povos.
 - [1] A eleição de Deus não é favoritismo.
 - [2] A eleição de Deus é para a realização de uma missão mundial.
- [3] A missão do povo de Deus para resgatar o homem caído tem sua origem em Deus. O objetivo dessa missão é o homem culpado. Deus mesmo é o primeiro missionário. Ele não é somente

originador, mas também o Senhor da missão. O homem culpado é o objeto da missão salvífica da divindade. A queda do homem ocasionou a revelação da missão e o exercício dela. Com

isso Deus não deixa a ninguém o direito de estabelecer o objetivo, o alcance e os princípios da natureza da missão bem como a maneira de executá-la, Seus métodos.

DEUS	ENOS	NOÉ	ABRAÃO	ISAQUE	JACÓ	ISRAEL	TODAS AS
Gn 3:15	Gn 4:25, 26	Gn 6:13	Gn 18:18	Gn 26:4	Gn 28:14	Dt 7:6-8	NAÇÕES

DEFINIÇÃO

MISSÃO – É a busca do homem perdido, conscientizando-o da culpa e da consequência de seu pecado e revelando-lhe a salvação para reintegrá-lo à comunhão com Deus e com todos os que o cercam.

O **MÉTODO** – Por meio das bênçãos dadas a Israel com base na santidade, Deus queria atrair os povos de toda terra para reconhecê-lo como Seu Deus e integrá-los na comunhão de Seu povo. Exemplos: Salomão e Ezequias.

[4] – Método da Missão no Antigo Testamento.

[a] Posição geográfica da Palestina faz de Israel a encruzilhada das nações do mundo antigo.

[b] Deus propiciou a Israel toda facilidade para que chegasse a ser a maior nação, a fim de que atraísse todos os povos ao Deus de suas bênçãos. (Dt 4:6-9).

[c] Todo o êxito de Israel estava fundamentado na *santidade de caráter*. Sem essa bênção, as muitas vantagens de Israel resultariam em prejuízo para eles e as demais pessoas.

[1] A prosperidade material dependia da prosperidade espiritual (Dt 28:1, 13, 14; 30:8-10; Lv 19:2; Êx 19:5, 6).

[d] As bênçãos de Deus incluíam:

[1] Saúde (Êx 15:26; Dt 7:15).

[2] Agropecuária (Dt 7:13; 28:2-8).

[3] Habilidade artesanal (Êx 31:2-6; 35:31-35).

[4] Prosperidade (Dt 28:11-13).

[5] Grandeza (Dt 4:6-8; 28:1).

[e] O propósito de Deus em abençoar Israel:

[1] Ser testemunha (Is 43:8-10; 44:8; 49:6; 66:18-20).

[2] Atrair os povos (Dt 28:10; Is 49:6-9, 12, 18, 22; 55:4, 5; Zc 8:22).

[f] O sentido da missão para Israel é fazer convergir as nações ao povo de Deus para que sejam parte dele – CENTRÍPETA / CONVERGENTE

“Aquelas nações que haviam rejeitado a adoração e serviço ao verdadeiro Deus, deviam ser despojadas. Mas era propósito de Deus que pela revelação de Seu caráter através de Israel, fossem os homens atraídos a si. O convite do evangelho devia ser dado a todo o mundo.

Mediante o ensino do serviço de sacrifícios, Cristo devia ser erguido perante as nações, e todos que olhassem para Ele viveriam. Todo aquele que, como Raabe, a cananita, e Rute, a moabita, tornasse da idolatria para o culto ao verdadeiro Deus, devia unir-se ao seu povo

escolhido. À medida que o número dos israelitas crescesse, deviam eles ampliar suas fronteiras, até que o seu reino envolvesse o mundo”. (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 17,18).

B – MISSÃO NO NOVO TESTAMENTO

[1] A missão começa com Cristo.

- [a] Cristo, o padrão.
- [b] O objetivo da missão é buscar e salvar o perdido.
- [c] Missão é servir dando sua vida em resgate de todos.
- [d] Isso é entregue à igreja.

Lc 19:10;
Mc 10:45;
Lc 4:14, 15; 31-35; 40, 41.

KERIGMA	PREGAÇÃO
DIDAQUÊ	ENSINO
DIACONIA	SERVIÇO

[2] A Missão é entregue à igreja pessoalmente. JESUS

- [a] Enviando os 12 (Mt 10:1-42).
- [b] Enviando os 70 (Lc 10:12-25).
- [c] Enviando os 120 (At 1:8, 15).
- [d] Enviando pelos apóstolos a igreja toda (Mt 28:18-20; Mc 16:15-18).

[3] O imperativo central da missão é ir para fazer discípulos em todas as nações.



- [a] Antecede ao ir a espera pelo poder do Espírito Santo para testemunhar (Lc 24:49; At 1:4, 5, 8; 2:41-47).

[4] O objetivo da meta evangelística é:

- [a] Fazer cristãos reprodutivos e responsáveis.
- [b] Fazer igrejas reprodutivas e responsáveis.
- [c] Missão centrífuga.

“ANTES de ser escrito um livro do Novo Testamento, e ANTES de ser pregado qualquer sermão depois da ascensão de Cristo, o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos em

oração. ENTÃO seus inimigos deram o testemunho: ‘Enchestes Jerusalém desta vossa doutrina’” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 642).



2

Uma visão bíblica de discipulado relacional



Foto: Freepik

“SER IGREJA É SER AMIGO” não é um lema com palavras bonitas para nós. Esse não é o tema do programa de um ano de trabalho. Por trás dessas palavras existem conceitos profundos de uma visão de igreja e discipulado que norteiam toda nossa forma de ser igreja e fazer discípulos. Estamos querendo romper com uma postura distorcida do conceito bíblico de ser igreja e de como vive a igreja de Deus aqui na Terra.

A linguagem universal da amizade toca especialmente a nova geração, com quem queremos estabelecer uma forte ligação. Contudo, também alcança os mais velhos com relevância.

O conceito deriva de uma reflexão bíblica sobre três pontos: 1) o tipo de relacionamento de Cristo com Seus discípulos; 2) a relação entre os crentes; e 3) uma abordagem relacional de evangelização, fundamentada no conceito bíblico de discipulado.

CRISTO E SEUS DISCÍPULOS

Ele considerou seus discípulos como amigos – “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer” (Jo 15:15).

Ele era amigo dos homens – “Isto dizia e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo” (Jo 11:11).

A obediência é a demonstração de nossa amizade com Ele – “Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando” (Jo 15:14).

Até o traidor foi chamado de amigo – “Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e o prenderam” (Mt 26:50).

A maior demonstração de amor Dele foi para com seus amigos – “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15:13).

RELAÇÕES ENTRE OS CRENTES

Relação profunda – “Em todo tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão” (Pv 17:17), mas há amigo mais chegado do que um irmão” (Pv 18:24).

Relação que produz crescimento – “Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo” (Pv 27:17).

Relação abundante – “E o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco” (1Ts 3:12).

Relação autêntica – “O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (Rm 12:9, 10).

Relação intensa – “Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente” (1Pe 1:22).

Relação que comprova o discipulado – “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:35).

Relação com base no mandamento de Cristo – “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15:12).

DISCIPULADO RELACIONAL

Prática comum desde o Antigo Testamento – Uma pessoa escolhia outra e, por meio de um companheirismo contínuo, um discipulava o outro. “Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu [...]. Elias passou por ele e lançou o seu manto sobre ele. Então deixou este os bois, correu após Elias e disse: Deixa-me beijar a meu pai e a minha mãe e, então, te seguirei [...]. Então, se dispôs, e seguiu a Elias, e o servia” (1Rs 19:19-21).



Método usado por Jesus – Jesus escolheu um grupo pequeno e, por meio de uma convivência contínua e profunda, os disciplinava. “Depois, subiu ao monte e chamou os que Ele mesmo quis, e vieram para junto Dele. Então, designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3:13, 14).

Prática da igreja primitiva – Os membros da igreja primitiva vivenciavam relacionamentos reais e profundos no cotidiano.

“E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. [...]. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. [...]. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e cantando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2:42, 44, 46, 47).

Maneira de Paulo discipular – Além de compartilhar a Palavra de Deus, Paulo se comprometia pessoalmente com aqueles a quem queria salvar. “Assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós” (1Ts 2:8).

Confirmação da palavra profética – “Por três anos e meio estiveram os discípulos sob a direção do maior Professor que o mundo já conheceu. Por associação e contato pessoal, Cristo preparou-os para Seu serviço. Dia a dia, caminhavam a Seu lado, conversando com Ele, ouvindo Suas palavras de ânimo aos cansados e quebrantados, e vendo a manifestação de Seu poder em favor dos doentes e sofredores. Às vezes, Ele os instruíra, assentando-Se entre eles junto às montanhas; outras vezes, junto ao mar ou andando pelo caminho, lhes revelava os mistérios do reino de Deus. Onde quer

que houvesse corações abertos para receber a divina mensagem, Ele desdobrava as verdades do caminho da salvação. Não mandava que os discípulos fizessem isto ou aquilo, mas dizia: ‘Segue-Me’ (Mc 2:14). Em Suas jornadas através dos campos e das cidades, levava-os com Ele para que pudessem ver como ensinava o povo. Viajavam com Ele de um lugar a outro. Tomavam parte nas Suas frugais refeições e, como Ele, estiveram algumas vezes famintos e não raro cansados. Estiveram com Ele nas ruas apinhadas, junto ao lago e no solitário deserto. Viram-No em todos os aspectos da vida” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 17, 18).

NOSSA MISSÃO: FAZER DISCÍPULOS

Para destacar o propósito da igreja aqui na Terra, a seguinte seleção de textos bíblicos e do Espírito de Profecia nos ajuda a ter uma visão geral:

“Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido” (Mt 18:11).

“Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20:21).

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes Daquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz.” (1Pe 2:9).

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28:19).

“Quando Ele subiu às alturas [...] concedeu dons [...] com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do Seu serviço” (Ef 4:8, 12).

“Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar [...] a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6).

Jesus veio ao mundo com o propósito de salvar pecadores. Ao retornar ao Céu, enviou Sua igreja para dar continuidade ao Seu propósito salvífico. A igreja foi eleita para testemunhar

de Seu amor e obra salvadora. Fazer discípulos por meio dos dons espirituais foi a ordem dada à igreja.

O DISCÍPULO

Quando pensamos no discípulo, não estamos falando de um membro de igreja. Alguém que, simplesmente, assiste a sermões, programas, eventos e vive uma vida morna, “esquentando” bancos na igreja. Estamos falando de alguém que tem uma vida de comunhão com Deus. Falamos de alguém que participa em uma comunidade (PG) e vive relacionamentos saudáveis que promovem o crescimento nessa comunidade. Ele é alguém que está utilizando seus talentos para alcançar os de fora desse círculo de relacionamento.

Embora a definição de um discípulo possa envolver muitos aspectos, destacamos o aspecto do relacionamento. No conceito de “Ser Igreja é Ser Amigo”, discípulo é sinônimo de amigo. O discípulo que buscamos é um verdadeiro amigo de Deus, amigo dos membros de sua comunidade (PG) e está envolvido pessoalmente na conquista e salvação de um novo amigo.

“Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário. Aquele que bebe da Água viva, faz-se fonte de vida. O depositário torna-se doador. A graça de Cristo na alma é uma vertente no deserto, fluindo para refrigério de todos, e tornando os que estão prestes a perecer, ansiosos de beber da Água da vida” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 195).

DESVIOS NO CAMINHO

Por alguma razão, a igreja deixou de priorizar as pessoas e passou a focar em si mesma e em sua estrutura. O conceito de igreja mudou para representar apenas um prédio, seus rituais, seu corpo doutrinário ou sua estrutura hierárquica de funcionamento. Quando se pensa em igreja, normalmente se pensa em um

lugar ou denominação e não em pessoas e relacionamentos.

“Há por toda parte, a tendência de substituir pela obra de organizações o esforço individual. A sabedoria humana tende à consolidação, à centralização, à edificação de grandes igrejas e instituições. Muitos deixam às instituições e organizações a obra da beneficência; eximem-se do contato com o mundo, e seu coração torna-se frio. Ficam absorvidos consigo mesmos e insensíveis à impressão. Extinguem-se-lhes no coração o amor para com Deus e o homem. Cristo confia a Seus seguidores uma obra individual – uma obra que não pode ser feita por procuração. O serviço aos pobres e enfermos, o anunciar o evangelho aos perdidos, não deve ser deixado a comissões ou caridade organizada. Responsabilidade individual, individual esforço e sacrifício pessoal são exigências evangélicas” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 147).

Essa visão distorcida levou a enfatizarmos programas, projetos, shows e impactos. Evangelizar passou a ser sinônimo de fazer algum evento ou levar pessoas para o templo. Parece que a igreja não se move de outra maneira. Fazer discípulos é simplesmente sinônimo de convencer alguém de nossas doutrinas e trazer para nossa igreja. Os relacionamentos são formais, funcionais e superficiais. E, nesse contexto, somos todos “irmãos” – aquele que eu não sei o nome ou não estou interessado em saber de sua vida e lutas.

Contudo, LeRoy Eims afirma que “cada um de nós tem necessidades especiais que só podem ser preenchidas por outras pessoas. Nenhum sistema ou programa, mesmo que funcione maravilhosamente, atenderá às necessidades humanas. Por sermos indivíduos, temos necessidades individuais que podem ser supridas apenas por pessoas” (*A Arte Perdida de Fazer Discípulos*, p. 58).



UMA NOVA PERSPECTIVA "SER IGREJA É SER AMIGO"

Uma igreja relacional – Gente cuidando de gente em comunidades de amor. Este é o nosso propósito: trazer o foco da igreja física (templo) para a igreja viva (gente), envolvendo as pessoas e seu relacionamento com Deus e com seu semelhante. A ênfase não está no que fazemos na igreja, mas sim no que fazemos como igreja.

Nessa perspectiva, evangelizar deixa de ser trazer alguém para o templo e passa a ser trazer um novo amigo para minha vida, e juntos aprendermos a amar a Deus e ao semelhante. Fazer discípulos deixa de ser, simplesmente, sinônimo de convencimento doutrinário para ser desenvolvimento de relacionamentos saudáveis com Deus e com meu próximo. "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" (Jo 15:13). A partir do exemplo de Jesus, entendemos que os relacionamentos vivenciados como igreja devem ser pautados por amizades genuínas.

NOSSO PROCESSO DE DISCIPULADO

Amizades construídas na presença de Deus nos levarão a relacionamentos saudáveis com nossos amigos da igreja, com quem adoramos. Com os amigos, vivemos os valores do reino de Deus em comunidade (PG). Nos pequenos grupos amamos e somos amados; cuidamos e somos cuidados; discipulamos e somos discipulados; servimos e somos servidos. Vivenciamos relacionamentos cristãos genuínos que nos levam ao amadurecimento como verdadeiros discípulos de Cristo, e não como meros membros de igreja, focados em nós mesmos.

Há também um impulso missionário que nos leva ao encontro daqueles que ainda não conhecem toda a verdade. Com estes, buscaremos primeiramente construir amizades sinceras para fazê-los verdadeiros amigos de Deus. Usando nossos dons em ministérios contínuos, os serviremos no que estiver ao nosso alcance para conquistá-los para o nosso círculo de amizade. Levando-os para nossa comunidade (PG), compartilhando nossa vida com eles, os ajudaremos na jornada de se tornarem verdadeiros amigos de Deus.

3

Apostasia e Restauração – A História da Igreja Relacional¹

O PROPÓSITO É dar uma breve visão geral da experiência da vida em comunidade a partir dos pequenos grupos por toda a história do cristianismo. Nosso propósito é examinar a morte da igreja de pequenos grupos e o início da igreja institucional. Também desejamos analisar o início da restauração da igreja relacional no metodismo com suas reuniões em classes, que foi uma das primeiras tentativas da Reforma de retomar o modelo da igreja primitiva como comunidade. O Adventismo tem muitas raízes no Metodismo, e esse material nos ajudará na compreensão do Adventismo primitivo, e especialmente no tempo de Ellen White, quando os pequenos grupos eram incentivados pelos pioneiros.

A MORTE DA IGREJA EM COMUNIDADE NOS PEQUENOS GRUPOS

No fim da era do Novo Testamento, a igreja estava edificada em comunidade. Até o fim do 1º século, o apóstolo João declarou essa como a base sobre a qual a igreja fora edificada. Durante os duzentos anos seguintes, a igreja continuou no modelo de igrejas-lares. Nesse período a igreja experimentou um crescimento substancial e aparentemente estava em boa saúde espiritual, apesar de constante perseguição.

A igreja cristã não construiu nenhuma igreja (templo) nessa época. Os crentes continuavam a se reunir em lares, cavernas ou catacumbas.

A igreja não estava centralizada em estruturas enormes e prédios feitos de tijolo e argamassa. Estava edificada na vida comunitária dos crentes, que cuidavam e apoiavam uns aos outros enquanto continuamente estendiam sua amizade a outros pecadores.

No 3º século, os cristãos pela primeira vez começaram a construir locais para as reuniões cristãs. Contudo, mesmo estes eram bem pequenos. Ao observar escavações de cidades palestinas, viu-se restos de igrejas do 3º século. Não eram maiores que a maioria dos lares, e algumas cidades mantinham três ou quatro dessas pequenas igrejas cristãs. Suas igrejas seguiam os padrões dos lares. É claro que muitos cristãos continuaram a se reunir em lares. Essas pequenas e complexas comunhões eram a base da vida na comunidade cristã.

Com a conversão de Constantino no início do 4º século, o cristianismo começou a ser tolerado e então se tornou a única religião do império. Esse foi o ponto decisivo no estabelecimento da igreja institucional e o fim da igreja de pequenos grupos. A mudança de paradigma que ocorreu no 4º século tem durado 17 séculos inteiros, e até hoje ainda sofremos com as apostasias introduzidas por Constantino. A maneira como fazemos igreja hoje é mais um paradigma do império romano na Idade Média do que do cristianismo do Novo Testamento. Precisamos não só sair de Babilônia em doutrina,

mas também em prática. Isso claramente significa um movimento de afastamento da igreja institucional e uma volta à igreja relacional.²

Cerca de 300 anos depois desse dramático surgimento do movimento apostólico de pequenos grupos na história da salvação, a forma e o caráter da igreja de repente mudaram. A igreja como uma comunidade de pequenos grupos desapareceu, e a igreja como uma estrutura institucional formal apareceu.

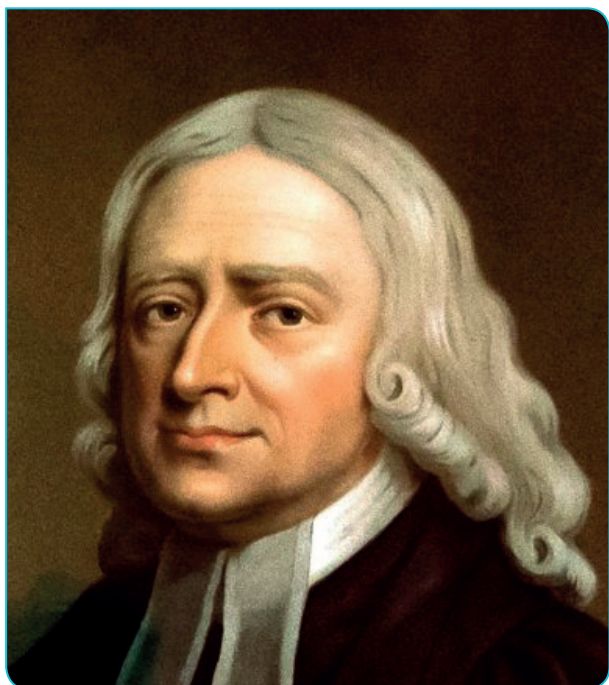
Em vez de a congregação ser um pequeno grupo que constituía a igreja naquele local, a compreensão da congregação foi sendo aumentada para incluir tudo no império. A congregação era a igreja, a igreja era o império (MEAD, 1991, p. 15 apud BURRILL, 2005, p.105).

Loren Mead continua a descrever a igreja que se desenvolveu na Idade Média. Foi edificada na suposição de que o império e a igreja eram idênticos. Nascer no império era nascer na igreja. Evangelismo era o serviço dos soldados, que conquistavam novos territórios para o império e sujeitavam o povo ao cristianismo. Isso resultou num clero profissional, com o trabalho da igreja reservado para especialistas. Grandes igrejas e catedrais foram edificadas, e a igreja adotou o modelo do império. Assim nasceu a igreja institucional.

A igreja institucional floresceu por toda a Idade Média e até no período da Reforma. As igrejas da Reforma simplesmente copiaram o modelo romano de fazer igreja. Ser membro da igreja de Lutero ou Zwinglio era o mesmo que ter cidadania no estado. Um clero profissional administrava os ritos e as cerimônias da igreja institucional. Os anabatistas do período da Reforma desenvolveram a única igreja que era separada do estado. Eles recusaram a proteção do estado por medo de que uma vez que o estado estivesse envolvido com a igreja, corromperia tanto o estado quanto a igreja. A igreja que desenvolveram foi perseguida. Não tinha lugar seguro. Como resultado, a igreja tomou forma de uma comunidade de apoio, reunindo-se em lares e cavernas. Cada comunidade era pequena e provia verdadeira comunhão e apoio. Somente assim a igreja pôde sobreviver à forte perseguição que lhe foi infligida.

A história nos mostra que o motivo pelo qual a igreja sobreviveu em tempos de perseguição foi devido a seus membros fazerem parte de pequenos grupos relacionais que amparavam uns aos outros. Como adventistas, acreditamos que um tempo de perseguição virá novamente nos últimos dias. Se esperamos sobreviver naquele momento crítico, precisamos começar agora a desenvolver pequenos grupos relacionais. Se não os criarmos agora, como poderemos fazê-lo nos dias difíceis à frente?





O MOVIMENTO METODISTA

João Wesley começou seu ministério no século 18. Sua pregação atraía grandes multidões que professavam fé em Cristo. Wesley não estava só em levar pessoas a uma experiência renovada com Cristo. Um de seus contemporâneos foi Jonathan Edwards, o inflamado pregador calvinista que viu milhares virem à fé em Cristo pelas suas pregações. Contudo, havia uma grande diferença entre Edwards e Wesley. Edwards estendia o convite e então largava os conversos, enquanto Wesley organizava seus conversos em classes, ou pequenos grupos. O resultado foi que os frutos de Wesley permaneceram, enquanto muitos dos conversos de Edwards voltaram ao mundo.

O diferencial de Wesley era o movimento de pequenos grupos que estava associado à sua pregação do evangelho. Wesley oferecia dois tipos de experiência com pequenos grupos: as classes e as bandas. As bandas eram opcionais; as classes eram requeridas de todos que desejavam continuar como membros. O resultado foi o estabelecimento de um sistema de cuidado pastoral próspero.

Cada grupo consistia de dez a doze pessoas da mesma vizinhança, que se reuniam uma vez por semana por aproximadamente uma hora. Os líderes eram leigos – alguns eram homens, mas a maioria eram mulheres – escolhidos por causa de sua alta moral e caráter espiritual e por seu bom senso.

É interessante notar que a maioria dos líderes nas reuniões das classes metodistas era mulheres. Isso é especialmente esclarecedor quando se percebe que a maior igreja local do mundo hoje, a igreja do Dr. Paul (David) Cho em Seul, Coreia, está edificada em pequenos grupos dirigidos principalmente por mulheres. Aparentemente mulheres fazem um trabalho melhor do que os homens em relação a pequenos grupos. Talvez uns dos problemas em ver pequenos grupos serem bem-sucedidos no adventismo seja o fato de que recrutamos mais líderes masculinos do que femininos.

Como eram essas reuniões das classes metodistas primitivas? Naquela época, não se podia fazer parte da Igreja Metodista sem ser membro de uma classe e frequentá-la regularmente. Falhar em frequentar regularmente era motivo suficiente para ser excluído da qualidade de membro. Hoje consideraríamos tal pedido opressivo. Contudo, descobrimos que foi exatamente isso que a igreja do Novo Testamento fez. Por quê? Porque as pessoas não poderiam ser cristãs se falhassem em viver em comunidade com outros cristãos, e o pequeno grupo relacional era o lugar ideal para que ocorresse essa comunidade.

Na reunião da classe metodista primitiva, a ênfase não era na doutrina, mas no discipulado. O propósito das reuniões era responsabilizar as pessoas por sua vida em Cristo. Wesley sabiamente compreendeu o princípio bíblico de que cristãos não crescerão em isolamento de uma comunidade de cristãos. Esses não eram simplesmente pequenos grupos onde pessoas

estudavam a Bíblia; seu principal propósito era formar relacionamentos. O estudo bíblico era usado somente para realçar os relacionamentos. Essas reuniões não eram cognitivas, mas relacionais.

Qual era o conteúdo de tal reunião? Todos deveriam falar “tão livre, simples, e concisamente quanto possível sobre o estado real de seu coração, com suas várias tentações e livramentos, desde a última reunião.” “Mas em cada reunião havia cinco perguntas que eram feitas a todos: Que pecado conhecido você cometeu desde nossa última reunião? Que tentações você enfrentou? Como recebeu livramento? O que você tem pensado, dito, ou feito sobre o que esteja em dúvida se é ou não pecado? Você não tem nada que deseja manter em segredo?” (BURRILL, 2005, p. 109).

Tal abertura seria desconhecida à maioria dos cristãos hoje, até mesmo entre os metodistas. Nosso individualismo consideraria tal questionamento como uma invasão à nossa

privacidade. O metodismo do século 18 não considerou isso dessa forma. Eles viam tal questionamento como um meio de ajudar as pessoas a serem responsáveis. Eles questionavam para responsabilizar as pessoas, não para julgá-las.

Cristãos modernos ficariam assustados com essas reuniões. Não conhecemos a alegria de apoio mútuo e a abertura que os metodistas primitivos desfrutavam. Contudo, lá no fundo, muitos adventistas modernos ainda desejam uma experiência similar à vida da igreja cristã primitiva. Seria maravilhoso se pudéssemos eliminar nossa crítica e a igreja se tornasse novamente um ambiente de apoio. Pequenos grupos comunitários, relacionais e de apoio podem muito bem ser parte da resposta. Grupos como os Alcoólicos Anônimos que praticam tanta abertura e questionamento direto têm sido bem recebidos. Se esses grupos podem se responsabilizar, por que é tão estranho achar que a igreja, que é chamada para ser uma comunidade redentora, possa fazer o mesmo?

A morte de Wesley levou ao fim das reuniões de classes como parte da experiência metodista. O século 19 achou o requerimento menos necessário, até que foi eliminado em 1889, como uma condição para ser membro. Houve uma amarga discordância com relação



à reuniões das classes e finalmente se chegou a um acordo. As reuniões continuariam, mas a ausência não mais seria usada como pretexto para ser excluído da igreja metodista.

A característica peculiar do metodismo foi desse modo mudada “da condição de uma sociedade com algumas marcas de uma seita voltada à santidade para um estilo de igreja mais convencional e menos exigente” (BURRILL, 2005, p. 112).

E nos dias de Wesley, [as reuniões] eram principalmente um meio de “evangelismo e conservação – o recrutamento e assimilação de novos membros”. A primeira metade do século dezenove viu a perda dessas duas funções... Referências a *reuniões de classes* na autobiografia do metodismo primitivo diminuem abruptamente durante a década de 1830, e o papel que até então tiveram como porta de entrada às sociedades *foi substituído pelas reuniões de oração* – especialmente as reuniões de oração após a pregação no local de comunhão ou na sacristia. Na verdade, vitalidade espiritual em geral ficou mais frequentemente relacionada com reuniões de oração do que com classes. *Essas reuniões eram menos estruturadas e mais espontâneas e eram mais facilmente adaptáveis às atividades institucionais da capela do que a espiritualidade interpessoal das reuniões das classes* (BURRILL, 2005, p. 112; itálicos acrescentados).

Watson conclui sua análise das reuniões das classes metodistas com a declaração de que a importância dessas reuniões não estava no que

fizeram pela igreja metodista, mas em prover um lugar seguro no qual as pessoas pudessem ser apoiadas em sua vida diária e em seu testemunho para Cristo no mundo. A classe tinha o propósito de manter aquilo que a pregação pública alcançara. Levava novos conversos ao discipulado.

O adventismo, com suas fortes raízes metodistas, manteve a pregação pública, mas perdeu o pequeno grupo que também era parte vital do estilo de Wesley. Sem o componente do pequeno grupo vinculado ao nosso evangelismo público, corremos o risco de perder novos conversos.

O metodismo primitivo desenvolveu todos os princípios básicos de pequenos grupos relacionais que se reuniam regularmente para apoio e encorajamento mútuo e para responsabilizarem uns aos outros por sua vida em Cristo. As reuniões de classes metodistas tinham todos os elementos dos pequenos grupos. Essa foi a primeira vez desde a apostasia de Constantino e do estabelecimento da igreja institucional que uma igreja edificada em pequenos grupos relacionais teve tanto apoio popular.

Ao voltarmos no tempo e rever a história, percebemos algumas práticas muito positivas. Vemos um retorno a uma eclesiologia mais bíblica – a edificação de uma igreja fundamentada mais em comunidade do que no desenvolvimento de grandes instituições.

1 Resumo extraído de Russell Burrill, *Como Reavivar a Igreja do Século 21*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p.105-115.

2 “Recomenda-se que os membros não confundam institucionalismo com instituições. Uma igreja relacional terá organização e instituições. O institucionalismo, por outro lado, se refere à compreensão da igreja como sendo o prédio, a organização, o programa, etc., em vez do relacionamento entre membros. Na igreja institucional, é a instituição que deve ser preservada a qualquer custo. A vida gira em torno da edificação da instituição. Esse é o conceito católico medieval de igreja. Esse é o vinho babilônico que deve ser descartado” (BURRILL, 2005, p. 115).

BLOCO 2

O plano Mestre

Comunidade
Transformadora

Gente cuidando
de gente e os
desafios do
pastoreio

4 O Plano Mestre³

O MÉTODO DE JESUS SE BASEAVA EM PESSOAS

Tudo começou quando Jesus chamou alguns homens e os convidou a segui-Lo. Esse ato era suficiente para revelar o rumo que sua estratégia evangelística tomaria. Ele não se preocupava com projetos especiais para alcançar grandes plateias, mas com pessoas a quem as multidões deveriam seguir. É interessante destacar que Jesus começou a reunir aqueles homens antes de organizar campanhas evangelísticas ou mesmo de pregar em público. As pessoas eram a base de Seu método de ganhar o mundo para Deus.

O objetivo inicial do plano de Jesus era o de arregimentar pessoas que fossem capazes de testemunhar a respeito de Sua vida e manter Sua obra em andamento depois que retornasse ao Pai. João e André foram os primeiros convocados, logo depois que Jesus deixou o cenário do grande avivamento promovido por João Batista em Betânia, do outro lado do rio Jordão (Jo 1:35-40).

André retribuiu levando seu irmão, Pedro (Jo 1:41,42). No dia seguinte, Jesus encontrou Filipe no caminho para a Galileia, e Filipe, por sua vez, encontrou Natanael (Jo 1:43-51). Não há nenhuma evidência de que a seleção desses discípulos tenha sido precipitada. Eles foram designados, só isso. Tiago, irmão de João, não é mencionado como integrante do grupo até os

quatro pescadores serem convocados novamente, muitos meses depois, no mar da Galileia (Mc 1:19; Mt 4:21). Logo depois, ao passar pela cidade de Cafarnaum, o Mestre propõe a Mateus segui-Lo (Mc 2:13, 14; Mt 9:9; Lc 5:27, 28). As peculiaridades envolvendo a chamada dos demais discípulos não foram registradas nos evangelhos, mas acredita-se que todas ocorreram no primeiro ano do ministério de nosso Senhor.

Como era de se esperar, os primeiros esforços no sentido de ganhar almas tiveram pouco ou nenhum efeito imediato na vida religiosa da época de Jesus, mas isso não era o mais importante. O tempo passou, e aqueles poucos pioneiros convertidos estavam destinados a se tornar os líderes da Igreja do Senhor que levariam o evangelho por todo o mundo. Do ponto de vista do propósito supremo de Deus, suas vidas tiveram um significado que durará por toda a eternidade. É só isso que importa.

DISPOSTOS A APRENDER

O aspecto mais revelador sobre aqueles homens é que, a princípio, nenhum deles impressionava. Ninguém ocupava posição de destaque na sinagoga, e nenhum deles pertencia ao corpo sacerdotal levita. A maioria era formada por trabalhadores comuns, e provavelmente não tinha qualquer qualificação além do conhecimento básico necessário para o exercício de sua profissão.

Talvez alguns pertencessem a famílias abastadas, como os filhos de Zebedeu, mas nenhum deles poderia ser considerado rico. Não tinham formação acadêmica nas artes e filosofias daquele tempo. Assim como o Mestre, a educação formal que receberam consistia apenas no que se aprendia nas escolas das sinagogas. Muitos cresceram na área mais pobre em torno da Galileia. Aparentemente, o único dos Doze criado numa região mais privilegiada da Judeia era Judas Iscariotes.

“Gente assim, disposta a se deixar moldar pelas mãos do Mestre, poderia ganhar uma nova imagem. Jesus pode usar qualquer um que deseja ser usado”.

Portanto, sob qualquer critério de sofisticação cultural daquela época ou atual, os apóstolos poderiam ser considerados como um agrupamento tosco de almas. É difícil compreender como Jesus poderia usar gente assim. Eram pessoas impulsivas, temperamentais, que se melindravam com facilidade e vítimas de todo tipo de preconceito no contexto em que viviam. Para resumir, aqueles homens selecionados pelo Senhor para ser seus assistentes representavam o perfil médio da sociedade daqueles dias. Não era o tipo de gente de quem se pudessem esperar ganhar o mundo para Cristo.

Mesmo assim, Jesus viu naqueles homens simples o potencial de liderança para o Reino. De fato, eram pessoas “comuns e sem

instrução”, de acordo com o padrão do mundo (At 4:13), mas tinham capacidade de aprender. Embora costumassem errar em seus julgamentos e fossem lentos para compreender as questões espirituais, eram homens honestos, prontos para admitir suas fraquezas. Seu comportamento poderia ser grosseiro e suas habilidades, limitadas, mas à exceção do traidor, todos tinham um grande coração.

Talvez o fato mais significativo sobre os apóstolos era seu grande anseio por Deus e pelas coisas divinas. A superficialidade da vida religiosa à volta deles não deturpou a esperança que tinham pela vinda do Messias (Jo 1:41, 45, 49; 6:69). Estavam fartos da hipocrisia dos aristocratas legalistas. Alguns já haviam se unido ao movimento de avivamento promovido por João Batista (Jo 1:35). Aqueles homens procuravam por alguém que os guiasse no caminho da salvação. Gente assim, disposta a se deixar moldar pelas mãos do Mestre, poderia ganhar uma nova imagem. Jesus pode usar qualquer um que deseja ser usado.

FOCO BEM DEFINIDO: CONCENTROU-SE EM ALGUNS POUCOS

Ao destacar esse fato, porém, não temos a intenção de ignorar a verdade prática de como Jesus fez aquilo. Aqui está a sabedoria de seu método, e quando observamos esse detalhe, voltamos ao princípio fundamental do foco do Mestre sobre aqueles que pretendia usar. Não dá para transformar o mundo se as pessoas que nele vivem não forem transformadas; e as pessoas não mudam, a não ser que Jesus molde suas vidas. A necessidade, ao que parece, não era apenas a de recrutar uns poucos leigos, mas manter o grupo suficientemente pequeno para que pudesse ser bem trabalhado.

Por isso, conforme o grupo de seguidores ia crescendo ao redor de Jesus, por volta da metade de seu segundo ano de ministério, tornou-se

necessário reduzir a companhia mais seleta a um número mais fácil de administrar. Assim, Jesus “chamou seus discípulos e escolheu doze deles, a quem também designou apóstolos” (Lc 6:13-17; ver Mc 3:13-19). Independentemente do significado simbólico que algumas pessoas atribuem ao número doze, é evidente que Jesus queria que aqueles homens tivessem privilégios e responsabilidades singulares na obra do Reino de Deus.

Isso não quer dizer que, com a decisão de ter doze apóstolos, Jesus estava excluindo outras pessoas de seu círculo de seguidores. Como sabemos, havia muito mais discípulos, e alguns deles se tornaram obreiros muito eficazes da Igreja. Os Setenta (Lc 10:1); Marcos e Lucas, que revelaram o evangelho; e Tiago, irmão do Senhor (1Co 15:7; Gl 2:9, 12; ver Jo 2:12; 7:2-10) são exemplos notáveis disso. Contudo, devemos reconhecer que os Doze começaram a se destacar, em termos de prioridade, em relação aos demais.

A mesma regra poderia ser aplicada em sentido inverso: dentro do seleto grupo apostólico, Pedro, Tiago e João pareciam desfrutar de um relacionamento ainda mais especial com o Mestre do que os outros nove. Só aquele pequeno grupo privilegiado foi convidado a entrar no quarto onde a filha de Jairo estava deitada (Mc 5:37; Lc 8:51); só eles três acompanharam o Mestre e viram sua glória no monte da Transfiguração (Mc 9:2; Mt 17:1; Lc 9:28); e em meio às sombras tenebrosas projetadas pelas oliveiras do jardim do Getsêmani, sob a lua cheia da madrugada da Páscoa, aqueles membros do círculo mais íntimo de Jesus o acompanhavam de perto, enquanto ele orava (Mc 14:33; Mt 26:37).

A preferência que dedicava àquele trio era tão evidente que, se não fosse pela mais pura atitude de renúncia e desprendimento, encarnada na pessoa de Cristo, poderia ter

provocado sentimentos ressentidos nos demais apóstolos. O fato de não haver registro de reclamações dos discípulos sobre a preeminência dos três – ainda que houvessem se queixado de outras coisas – é prova de que a demonstração de algum tipo de preferência não precisa ser necessariamente uma ofensa, desde que isso aconteça dentro de um contexto adequado e por razões justas.

A APLICAÇÃO DO PRINCÍPIO

O modo espontâneo de Jesus dedicar sua vida àqueles que desejava treinar era impressionante. Também serve para ilustrar um princípio fundamental do ensino: o de que, em igualdade de condições, quanto mais concentrado e compacto for o grupo a ser orientado, maior o potencial para uma instrução eficaz.

Jesus dedicou parte considerável de seu tempo na Terra àqueles poucos discípulos. Ele empenhou todo seu ministério neles. O mundo poderia até demonstrar indiferença quanto ao Mestre, mas ainda assim sua estratégia seria vitoriosa. Por isso é que Jesus não ficou muito preocupado quando seus seguidores, no momento mais crucial, deixaram de ser leais a ele, ao confrontarem o verdadeiro significado do Reino (Jo 6:66). Mas Ele não podia suportar a ideia de que seus discípulos mais chegados se desviassem do propósito maior. Era preciso que eles entendessem a verdade e por ela fossem santificados (Jo 17:17), caso contrário todo o restante iria por água abaixo. Foi assim que Ele orou não “pelo mundo”, mas pelos poucos que Deus dera a Ele, “pois são Teus” (Jo 17:6, 9). Tudo dependia da fidelidade daquele pequeno grupo: o mundo creia em Jesus “por meio da mensagem deles” (Jo 17:20).

3 Extraído de Robert Colleman, Plano Mestre de Evangelismo. São Paulo: Mundo Cristão, 1994. p. 16-24.

5

Comunidade Transformada



Foto: Lightstock

VIVEMOS UM PERÍODO singular da história, em que necessitamos resgatar o valor do ser humano. A busca desenfreada por bens materiais e o desejo de grandeza e prestígio invertem o que tem valor de fato. As coisas são amadas e as pessoas, desvalorizadas. Essa situação

aumenta a sensação de vazio e o número dos solitários, que não encontram sentido e propósito para sua vida. Diante desse quadro, a experiência de vida em comunidade vem preencher uma crescente necessidade nas pessoas, de se relacionar, de pertencer e de viver com um senso de propósito. A igreja pode mudar essa realidade com base em sua história.

Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos (At 2:44-46).

Ao olharmos para a igreja do Novo Testamento, vemos os primeiros cristãos se relacionando intencionalmente uns com os outros. Eles aprenderam a compartilhar a vida num nível de tanta profundidade que comumente se encontravam inclusive em seu ambiente mais íntimo, o próprio lar. Compartilhavam o alimento e seus sentimentos.

Esse cenário mostra o poder da vida em comunidade centrada em Cristo. Essa é a base para a experiência que queremos vivenciar com os pequenos grupos hoje. Assim como no passado, viver em comunidade hoje é essencial para a manutenção da vida cristã e para o cumprimento da missão. Os pequenos grupos não são um fim em si mesmo. Eles são um meio para estabelecer a comunidade, onde se cultiva o verdadeiro o amor de uns para com os outros e se cumpre a missão de fazer novos discípulos.

NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Em seus primeiros anos de existência, a igreja adventista, assim como a igreja do Novo Testamento, seguiu um modelo similar, tanto para reuniões públicas quanto nos lares.

A apresentação de Cristo em família, no lar e em pequenas reuniões em casas particulares, é muitas vezes mais bem-sucedida em atrair almas para Jesus, do que sermões feitos ao ar livre, às multidões em movimento, ou mesmo em salões e igrejas (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 193).

As “reuniões sociais” formaram a base para o estabelecimento do espírito de comunidade entre nossos pioneiros.

Qual o objetivo de reunir-se?
Porventura seria dar informação a Deus em oração, ou instruí-Lo contando tudo o que sabemos?
Reunimo-nos para mutuamente nos edificarmos com o intercâmbio de ideias e sentimentos; para adquirirmos poder, luz e ânimo ao nos familiarizarmos com as esperanças e desejos uns dos

outros; e ao orarmos com fé, sinceridade e fervor receberemos refrigério e vigor da Fonte de poder. Essas reuniões devem, pois, ser ocasiões sumamente preciosas e tornar-se atraentes a todos os que apreciem as coisas religiosas. (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 578).

A maneira como a igreja vive hoje deve reproduzir a mesma preocupação dos pioneiros.

Incorremos em perda quando negligenciamos o privilégio de nos associarmos, a fim de fortalecer-nos e encorajar-nos uns aos outros no serviço de Deus. As verdades de Sua Palavra perdem sua vivacidade e importância em nossa mente. Nosso coração deixa de iluminar-se e despertar-se pela influência santificadora, e nós decaímos em espiritualidade (Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade*, v. 2, p. 627).

O QUE SÃO OS PEQUENOS GRUPOS

Conceitualmente o Pequeno Grupo é uma estrutura facilitadora do discipulado. Ela desenvolve pessoas comprometidas com os valores do reino de Deus. Gera maturidade espiritual e compromisso com a missão da igreja. É um ambiente em que os discípulos são guiados ao crescimento em comunhão, relacionamento e missão.

Além disso, os pequenos grupos proporcionam outros benefícios para a igreja local: flexibilidade para alterar seus procedimentos ou funções, para enfrentar situações novas e alcançar objetivos diferentes. Por ser informal, não tem necessidade de padrões rígidos de

operação, como mobilidade para se reunir em praticamente qualquer lugar, por exemplo: uma casa, um escritório ou uma oficina, facilitando a integração e a continuidade do pequeno grupo. Por ser inclusivo, pode atrair pessoas de todos os tipos, crenças e classes sociais, sem preconceitos. Finalmente, ele é pessoal, e seus participantes podem interagir entre si de maneira que a comunicação flua naturalmente e todos possam compreender.

“ A apresentação de Cristo em família, no lar e em pequenas reuniões... é muitas vezes mais bem-sucedida em atrair almas para Jesus”.

Na igreja local, os pequenos grupos integram pessoas e criam vínculos; proporcionam um ambiente acolhedor onde se compartilham experiências, trazendo um sentimento de

pertencimento à igreja; fortalecem a vida cristã ao favorecer a identificação e desenvolvimento dos dons espirituais; incentivam a leitura da Bíblia, aplicando-a à vida prática; contribuem para o desenvolvimento de novos líderes em potencial por meio das oportunidades de servir; e promovem mais engajamento pessoal na missão.

CONCLUSÃO

É impressionante o impacto positivo que a vida em comunidade pode trazer a uma igreja. A experiência de vida em comunidade torna a igreja mais espiritual, amorosa, receptiva e missionária.

Quanto mais profunda a experiência de vida em comunidade, mais fortes se tornarão os pequenos grupos e mais dinâmica, atraente e missionária será a igreja local. Cristo será visto na vida prática dos membros da congregação, pois a maior evidência em favor do evangelho é a unidade visível de Seus seguidores.

Assim, uma igreja que tem semanalmente a maior parte de seus membros reunidos, orando, estudando a Bíblia e se relacionando uns com os outros está se preparando para o recebimento do Espírito Santo, em forma de chuva serôdia, a fim de cumprir a missão de fazer novos discípulos.

“

6

Desafios no Pastoreio dos Pequenos Grupos

“Vendo Ele as multidões, compadeceu-Se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9:36).

INTRODUÇÃO

Ter a consciência de um pastor de ovelhas é umas das maiores virtudes que o supervisor ou coordenador pode desenvolver. Pastorear é a principal atribuição de cada líder, e as demais tarefas devem partir desse nobre entendimento. No contexto dos pequenos grupos, sobretudo na esfera da liderança, todos “berram” e ao mesmo tempo usam o “cajado”, pois todos são ovelhas e pastores. O líder necessita ser pastoreado pelo supervisor. Este também assume a condição de ovelha, sendo pastoreado pelo coordenador que, por sua vez, se sente amparado pelo pastor distrital. Assim, todos são cuidados e não mais vivem “aflitos e exaustos como ovelhas que não têm pastor”.

Neste material, buscaremos dar suporte aos supervisores e coordenadores quanto ao pastoreio em duas dimensões: pessoal e no encontro semanal. Parte deste artigo tem como base o capítulo 12 do livro *Seja um Supervisor de Células Eficaz*, de Joel Comiskey.

PASTOREIO PESSOAL

Apesar de ser tão necessário para a vida dos pequenos grupos, pastorear não é uma tarefa fácil. Os desafios são diversos, porém nos concentraremos em três aspectos: vida devocional, gestão do tempo e o que fazer na visitação.

VIDA DEVOCIONAL

A vida devocional de cada líder, supervisor e coordenador deve ser um modelo para as ovelhas. Pense: O que nós esperamos do pastor distrital quanto à sua vida devocional? Sua resposta será semelhante à expectativa que o seu liderado/ovelha tem de você como líder, supervisor e ou coordenador. Não há nada tão forte na vida de um líder quanto sua ligação com Deus. O que mais suas ovelhas esperam é ouvir Deus falando com elas por seu intermédio. Como tem sido sua liderança? Sugerimos algo prático que você possivelmente já utiliza, mas vale a lembrança: tenha uma *lista de oração intercessória* das suas ovelhas, fixada em local que você tenha contato com frequência, e ore por todos diariamente. Isso tornará o seu coração de pastor mais sensível às necessidades de suas ovelhas.

GESTÃO DO TEMPO

Seguramente esse item está entre os principais desafios dos líderes, supervisores e coordenadores quanto ao pastoreio. Sugerimos:

- [1] Criar uma tabela contendo todos os horários do dia que você está acordado e realizando suas atividades.
- [2] Preencher cada horário com suas atividades pessoais, de trabalho e de lazer.
- [3] Observar quais atividades são indispensáveis e quais estão roubando seu tempo.
- [4] Em oração, peça a Deus sabedoria para substituir as atividades triviais pelo pastoreio.

Esse exercício o ajudará a ser um pastor mais eficaz de seu rebanho.

O QUE FAZER NA VISITAÇÃO?

Outro grande desafio é que muitos não têm ideia sobre o que fazer e dizer na visita. Sugerimos:

- [1] Estar pronto para orar com sua ovelha. A oração é uma das melhores demonstrações de amor que você pode expressar. É como se você estivesse dizendo: “Estou interessado no que você tem de mais importante, sua vida eterna.”
- [2] Aliviar as dores de alma com textos da palavra de Deus. Seja objetivo e sucinto nesse momento. Deixe que a palavra cumpra seu papel. A palavra tem poder de edificar.

- [3] Fazer a prestação de contas. Como? Usando as linhas de crescimento do discípulado, propostas pela nossa organização. Por exemplo:

- [a] Comunhão – Tenho orado diariamente por você para que sua vida devocional esteja em dia. Como tem sido sua experiência de oração e leitura da Bíblia? Você tem conseguido se manter firme? Tem estudado diariamente a lição da escola sabatina e outros recursos de devoção?
- b] Relacionamento – Como estão seus relacionamentos em família, no trabalho e na igreja? Posso orar especificamente por algo que tem incomodado você em seus relacionamentos?
- c] Missão – Como está sua vida missionária? Gostaria de contar algum testemunho recente sobre missão? Em qual ministério você tem se envolvido ou gostaria de se envolver?

Como falamos, são apenas sugestões que o ajudarão a pastorear melhor.



O COORDENADOR/SUPERVISOR E O PASTOREIO NO ENCONTRO SEMANAL

O que acontece fora do encontro é tão importante quanto o que acontece na reunião semanal. Portanto, pastorear no encontro é responsabilidade inerente à supervisão/coordenação.

ANTES	DURANTE	DEPOIS
<p>1 - Avise ao líder sobre sua visita com antecedência – isso dará tempo para que ele se organize.</p> <p>2 - Busque todas as informações necessárias com o líder sobre o encontro (horário, lugar, quantas pessoas batizadas e não batizadas, etc.).</p> <p>3 - Se você é supervisor ou coordenador e percebe que o líder está inseguro em alguma parte do encontro, combine para que ele observe você fazendo sua parte e aprenda.</p> <p>4 - Ore pelo líder e pelo encontro durante a semana.</p> <p>5 - Chegue alguns minutos antes para estar com o líder e orar com ele.</p> <p>6 - Certifique-se que o ambiente está favorável para a reunião e sugira melhorias.</p>	<p>1 - Seu objetivo durante o encontro é ENCORAJAR. Afirme e apoie o líder diante dos membros.</p> <p>2 - Cumprimente calorosamente os membros à medida que eles chegam.</p> <p>3 - Participe ao máximo de cada momento sem ofuscar a condução do líder.</p> <p>4 - Use a regra de observação LAAD:</p> <p>Liderança – Observe como está o desempenho do líder.</p> <p>Ambiente – Perceba se o ambiente é favorável para o encontro.</p> <p>Dinâmica – Analise se a dinâmica do encontro está satisfatória.</p> <p>a) Evite escrever comentários enquanto o encontro estiver acontecendo.</p> <p>b) Estimule o líder a ser objetivo no encontro.</p> <p>c) Preze pelo cumprimento do horário.</p>	<p>Fale sobre suas observações com o líder imediatamente após a reunião ou marque um encontro com ele para breve. Tente oferecer uma média de cinco comentários sinceros de encorajamento para cada sugestão de algo a ser melhorado.</p>

CONCLUSÃO

Se cada líder, supervisor e coordenador tiver uma visão aprofundada de seu papel essencial, que é o de pastorear o rebanho que o Senhor confiou, seguramente nossas redes de pequenos grupos serão mais sólidas e as nossas igrejas, mais saudáveis.





BLOCO 3

**A Rede, sua
implantação e
gerenciamento**

**A multiplicação
de líderes**

**Evangelismo
relacional na pós
modernidade**

7

Gerenciamento da Rede de Pequenos Grupos

“O gerenciamento começa na inclusão e vai até a multiplicação”.

Os grandes líderes da Bíblia sempre exerceram forte influência sobre seus liderados, que se fundamentava não somente em suas habilidades naturais, mas principalmente no reflexo de um forte e íntimo relacionamento com Deus. O apóstolo Paulo confirma isso dizendo: “Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2:1, 2).

A principal função dos líderes de pequenos grupos é SERVIR as pessoas que estão sob seus cuidados. É ajudar a rede a ser um lugar saudável de crescimento para todos, em que COMUNHÃO, RELACIONAMENTO E MISSÃO sejam vivenciados. Todo pastor, coordenador e supervisor precisam estar focados em três aspectos essenciais de seu papel: pastoreio, gerenciamento e capacitação.

O pastoreio ocorre um a um, cada membro do grupo precisa ser tratado de modo personalizado. Suas limitações e lutas pessoais e familiares necessitam ser notadas e atendidas com atenção. Gene Wilkes ressalta que “ser líder não é um título ou cargo, ser líder é ter

seguidores [...]. Você não será um líder até que o grupo que você estiver liderando afirme isso. Você obtém a posição de líder pelo caráter e pelos relacionamentos autênticos”.

Com o funcionamento da rede de pequenos grupos, além de cada supervisor realizar o pastoreio com seus liderados também pode auxiliar o pastor e o coordenador a fazer visitação e a tratar casos específicos com membros da igreja e dos pequenos grupos.

Entre os aspectos práticos do gerenciamento da rede é fundamental destacar a importância do encontro, sua periodicidade, o conteúdo apresentado e os locais mais adequados. Os encontros são essenciais para a vida da rede de pequenos grupos em qualquer lugar em que está sendo implementada, pois, além de promover a força “corporativa”, o encontro com outros proporciona senso de propósito, unidade e troca de experiências. O encontro dá a oportunidade ao grupo de manter viva a experiência de receber atenção, cuidado e manutenção, ao ponto de haver uma unidade entre teoria e prática, isto é, o líder precisa ser cuidado, amado e ter suas necessidades atendidas.

Em relação aos períodos de encontros, inicialmente precisa ser semanal. Essa intensidade promove um senso de unidade e de conhecimento uns dos outros. O objetivo é a ministração ao coração dos coordenadores e supervisores. Isso dará o senso de que alguém se importa com

8

A Multiplicação de Líderes, os PGs e a Expansão do Reino

Demóstenes, o maior orador do mundo antigo, gaguejava! A primeira vez que ele tentou fazer um discurso público, foi tão ridicularizado pelo público que deixou a tribuna. Júlio César era epilético; Ludwig van Beethoven e Thomas Edison eram surdos. Charles Dickens e George Friederich Händel eram aleijados. Homero era cego; Platão, corcunda; Sir Walter Scott, paralítico. Todos esses líderes foram pessoas de vanguarda, apesar de suas fraquezas.

Temos um verdadeiro arsenal em nossas congregações: a liderança voluntária em nossas igrejas. Irmãos queridos, amados, consagrados e servos de Deus que estão lá, a espera de uma motivação para dar suas vidas em favor da causa do mestre.

UM OLHAR

Ampliemos o olhar, tendo como pano de fundo os pequenos grupos (PGs). Ao longo desses anos, olhamos os PGs como ambiente ideal para se praticar e desenvolver o discipulado; como uma estrutura formadora de relacionamentos amorosos; como uma comunidade relacional, etc. Além disso, proporciona alistamento natural e engajamento de pessoas. John Maxwell disse: “Meu alvo não é formar seguidores que resultem em uma multidão. Meu alvo é desenvolver líderes que se transformem em um movimento.”

Olhemos agora na perspectiva da mobilização: de um exército de líderes vivendo os

valores do reino de Deus, influenciando pessoas em todos os lugares.

O que queremos dizer com isso? Não olhemos somente para os grupos. Olhemos para as pessoas que se tornarão líderes, que influenciarão outros, formarão PGs e farão parte da igreja.

O TERRORISMO E SEUS ADEPTOS

Jerrold Post, ex-chefe do centro de análise e comportamento de terroristas da CIA, o serviço secreto americano, disse que “o principal motivo que leva alguém a ser um terrorista é de natureza social. A necessidade de ser aceito por um grupo, sentir-se parte de uma comunidade, escolhido e reconhecido como alguém especial seria o suficiente para atrair muitos adeptos a seitas fanáticas ou grupos extremistas.”⁴

O PASTOR É O LÍDER QUE OS LÍDERES DE PGS DEVERÃO SEGUIR

Quantos líderes têm sido descobertos, treinados e enviados? O sucesso no treinamento de líderes é um estilo bíblico de vida. Moisés mentoreou Josué, e Elias treinou Eliseu. Os apóstolos foram recrutados e treinados por Jesus. Barnabé discipulou Paulo que, por sua vez, discipulou Timóteo. Pastores líderes precisam desenvolver líderes que o seguirão a todo o custo.

Em Mateus 28:18-20, Jesus estabeleceu ordens claras de marcha para sua nova igreja. Uma análise desses versículos demonstra que

dos quatro verbos principais que aparecem aqui, apenas “fazer discípulos” é usado no imperativo. Os outros três verbos complementam a tarefa principal de fazer discípulos. A ordem de Cristo é clara: somos chamados para guiar cada novo converso na fé até que alcance a maturidade. E isso tem a ver com reprodução. Segundo Coleman, “Jesus veio para salvar o mundo, e com essa finalidade entregou-se a si mesmo; mas, em seu caminho para a cruz, Ele concentrou sua vida em fazer alguns discípulos. Esses homens foram ensinados a fazer o mesmo até que, por meio do processo de reprodução, o evangelho do reino pudesse alcançar os confins da terra.”⁵

SONHAR

Sonhe com a diferença que podemos fazer multiplicando líderes eficazes e comprometidos. Não sonhemos em multiplicar somente pequenos grupos, mas multiplicar líderes! Multiplicar líderes foi a estratégia e a ordem do apóstolo Paulo: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2:2). Waylon Moore disse: “Quando a igreja exala discípulos, ela inala convertidos.”

A MULTIPLICAÇÃO DE LÍDERES

Não precisamos temer começar ou dar continuidade a esse movimento porque se trata de algo plenamente da vontade de Deus. Tudo o que a igreja local espera é ver uma liderança cujos olhos brilhem pela expansão do reino de Deus. Desenvolver pessoas é uma atividade sublime. Não é algo passageiro e sazonal, mas uma mudança de paradigma, de visão, de vida.

Ellen White mostrou, por meio da inspiração profética, o que os líderes da igreja devem fazer: “Os que ocupam posições de influência e responsabilidade na igreja, devem estar na dianteira na obra de Deus. Se avançarem relutantemente, outros nem se moverão. Mas ‘seu

zelo’ estimulará muitos. Se sua luz arder brilhante, mil tochas se acenderão à sua chama.”⁶

CONCLUSÃO

Considerando os aspectos práticos já mencionados, precisamos fazer um esforço nessa direção, realizando pelo menos quatro aspectos para um ministério multiplicador:

1 – SACRIFÍCIO (Jo 12:24) – O princípio é que não há multiplicação sem sacrifício. Todo líder de PG que se multiplica pratica o sacrifício. Precisamos morrer para muitas coisas boas, a fim de realizar outras melhores. É necessário investir em tempo, oração, mentoreamento.

2 – DEPENDÊNCIA DE DEUS (Jr 17:8) – Por ser um processo sobrenatural, requer dependência de Deus, que se expressa por meio da oração. Paul Young Cho disse que “uma das maiores mentiras de Satanás é que nós não temos tempo para orar.”

3 – CONEXÃO ÍNTIMA COM JESUS (Jo 15:4, 5) – Há muitos ingredientes para um relacionamento de intimidade. Entre eles, honestidade, franqueza, comunicação, compartilhamento, aceitação, disponibilidade e tempo. Mas é possível que o mais importante seja o tempo, porque os outros não acontecem sem ele. Se quisermos estar conectados com Deus de maneira frutífera, precisamos passar tempo com Ele.

4 – PERSEVERANÇA NA TAREFA E TRABALHO DURO (Gl 6:9) – Multiplicação de líderes não depende de uma série de coisas que achamos importantes, tais como: dons, formação, personalidade vibrante. A resposta, na realidade, é trabalho duro.

Fonte:

Joel Comiskey, *Multiplicando a Liderança*. Paraná: Ministério Igreja em Células, 2008.

4 Superinteressante, novembro de 2001.

5 Citado em Dave Earley, *Transformando Membros em Líderes*. Paraná: Ministério Igreja em Células, 2009, p. 20.

6 Ellen G. White, *Serviço Cristão*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015, p. 175.

9

Missão na Pós-Modernidade e a Comunidade

A mudança no pensamento e na cultura afeta a maneira como as pessoas se relacionam com a fé e com as instituições religiosas. A igreja certamente não será capaz de continuar atuando do modo costumeiro em um mundo pós-moderno.

Com isso, não estou sugerindo que devemos descartar os modelos tradicionais de evangelismo. Eles funcionaram muito bem no período da modernidade cristã e continuam a funcionar em áreas onde existe um grande número de cristãos modernos, como as culturas de imigrantes na América do Norte, Europa e Austrália e em grande parte da população da América Latina. Na maioria das igrejas, será necessário apenas combinar métodos tradicionais com novas abordagens, sem que um substitua o outro.

O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA MISSÃO

Ellen White resumiu de maneira fantástica o método de Cristo, o qual ela afirma ser o único que trará verdadeiro sucesso. De acordo com ela, o Salvador

1. misturava-Se com as pessoas, desejando-lhes seu bem;
2. demonstrava simpatia por elas;
3. ministrava às suas necessidades;
4. ganhava a confiança delas;
5. convidava-as a segui-Lo (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143)

Deus nos convida a seguir Seu exemplo e ir ao encontro das pessoas onde elas estão. É esse princípio que motivou Paulo em suas atividades missionárias:

Embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, tornei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a Lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele (1Co 9:19-23, NVI).

Paulo mostra que alcançar pessoas que são “diferentes” de nós requer um sacrifício considerável, dando um passo na direção do outro. Se temos pouco sucesso em compartilhar o evangelho com pessoas seculares, é porque

não escolhemos fazer esse sacrifício. Se quisermos participar dos atos poderosos de Deus diante dos desafios e oportunidades da pós-modernidade, e se queremos ir ao encontro das pessoas onde elas estão, cinco alterações são necessárias em nosso evangelismo.

1. DO EVANGELISMO PÚBLICO "IMPESSOAL" AO RELACIONAL

O evangelismo tradicional usa reuniões públicas, que acontecem em igrejas, tendas ou salões alugados, como fator crucial na abordagem. Mas os pós-modernos geralmente não se sentem confortáveis nesse tipo de ambiente. Eles provavelmente não assistirão a uma típica série evangelística, e, mesmo que assistam, dificilmente serão tocados por ela. A experiência mostra que os pós-modernos são mais facilmente alcançados de maneira individual, por meio da amizade e do contato pessoal. Relacionamentos individuais permitem que as pessoas explorem ideias desconhecidas no local que elas desejam e num ambiente confiável.

A abordagem relacional possui inquestionável apoio bíblico. O discipulado está no cerne da Grande Comissão de Jesus (Mt 28:19, 20). Nesse texto existe apenas um verbo no imperativo, e não se refere a realizar reuniões públicas. Em vez disso, Jesus ordena: "Façam discípulos". Embora reuniões possam ajudar a desenvolver relacionamentos, *os relacionamentos em si são a estratégia evangelística primária* apresentada por Jesus nessa passagem. No contato com pessoas seculares, devemos nos concentrar muito mais em desenvolver relacionamentos que produzem confiança do que em abordagens agressivas que buscam decisões imediatas.

2. DE CURTO PRAZO A LONGO PRAZO

Nosso evangelismo costuma ser um projeto de curto prazo. Uma igreja local investe em reuniões públicas, tenta levar pessoas ao batismo em algumas semanas e então "descansa" durante o restante do ano. Essa estratégia é capaz de alcançar pessoas que já são cristãs ou que,

Para se ter êxito no evangelismo,
é necessário ir ao encontro das
pessoas onde elas estão.



Foto: Freepik

pelo menos, estão familiarizadas com assuntos bíblicos. Esse é o caso dos imigrantes nos Estados Unidos e de grande parte da população da América do Sul. Mas recentes projetos com pessoas seculares desenvolvidos, por exemplo, nos Estados Unidos e no Brasil mostram que a maior parte da sociedade não é alcançada em poucas semanas ou meses. O evangelismo com uma pessoa que não possui interesse em temas religiosos envolve longo prazo, que costuma durar de dois a quatro anos.

No passado, não costumávamos ter tanta paciência. Mas o modelo do ministério terrestre de Cristo indica que, no evangelismo, a paciência deve ser a regra e não a exceção. O próprio Jesus, o Mestre mais eficaz que o mundo já conheceu, investiu três anos e meio de maneira especial em doze pessoas e, ainda assim, um deles (Judas) deixou o grupo. Não devemos esperar que as coisas aconteçam de maneira mais rápida em nossos dias.

3. DOS NOSSOS INTERESSES ÀS NECESSIDADES SENTIDAS

O evangelismo tradicional se baseia na ideia de que os “de fora” precisam aprender conosco. Transmitimos as informações que desejamos da forma que achamos correta; e, se as pessoas não as recebem, “é problema delas”. Pós-modernos, infelizmente, têm se mostrado bastante desinteressados em nossa agenda para suas almas. Eles não sentem que as respostas que fornecemos abordam as questões importantes para sua vida. Em geral, oferecemos respostas a perguntas que poucos estão fazendo.

Uma abordagem mais bem-sucedida envolve ouvir antes de falar. Dessa maneira, podemos descobrir as necessidades sentidas da comunidade predominante e ir ao encontro dela no poder do evangelho. E, quando dizemos “necessidades sentidas”, isso não se refere às necessidades que nós pensamos que eles têm,

mas às necessidades que *eles próprios* sentem que têm. Paulo articulou essa abordagem em 1 Coríntios 9:19-23: torne-se tudo para todos a fim de salvar alguns.

Uma das maiores necessidades sentidas pelos pós-modernos é encontrar um lugar em que possam fazer diferença na vida de outros. Proporcionar espaços em que os famintos sejam alimentados e os desabrigados encontrem um lar levará pessoas seculares a desenvolver uma relação de apoio com os cristãos. Essa missão em comum criará laços de fraternidade espiritual. Igrejas que estão envolvidas com questões relevantes de suas comunidades são muito mais bem vistas por pessoas seculares.

Pós-modernos não querem apenas doar seu dinheiro, mas a si mesmos. As pessoas estão dispostas a fazer muito quando realmente “compram” uma ideia. À medida que os pós-modernos veem que a fé autêntica produz serviço genuíno, eles veem que a fé cristã possui relevância, e torna-se mais provável que desejem ter um relacionamento com Cristo e Seus seguidores.

4. DA IGREJA À COMUNIDADE/ SOCIEDADE

No evangelismo tradicional, as reuniões acontecem nas dependências da igreja. Mesmo que o trabalho comece num local público (como salões alugados e tendas), tão logo seja possível as reuniões são transferidas para a igreja. Contudo, pós-modernos dificilmente irão a uma igreja, ainda que tenham interesse nos assuntos apresentados. Esperar que eles venham até nós é uma batalha perdida. Por outro lado, pessoas seculares moram nas mesmas vizinhanças e trabalham nos mesmos locais que os cristãos.

A Bíblia e a condição pós-moderna mostram que *devemos nos mover de uma missão centralizada na igreja para uma igreja centralizada na*

missão. A igreja não é o alvo da missão; em vez disso, é o *instrumento* por meio do qual a missão pode ser cumprida. Para se ter êxito no evangelismo, é necessário ir ao encontro das pessoas onde elas estão. Portanto, um movimento em direção à comunidade – como a vizinhança e o local de trabalho – é um passo na direção correta.

O evangelismo na vizinhança e no local de trabalho exige criatividade. É possível criar grupos de afinidade, em que as colegas de trabalho se encontram para almoçar ou amigos se encontram na casa de alguém. Nesses momentos, eles podem partilhar de interesses em assuntos e atividades que têm em comum, como vida familiar, trabalho e esportes. Certa vez alcancei um amigo com a mensagem do evangelho passando algumas noites assistindo partidas de futebol com ele. Do relacionamento, vem a confiança; e, da confiança, vem uma abertura espiritual.

5. DE UM MÉTODO À VARIEDADE DE ABORDAGENS

O evangelismo praticado atualmente na Igreja Adventista surgiu com William Simpson em 1902. O que fazemos hoje não costuma ser muito diferente do que ele fazia há mais de 100 anos. Muitas pessoas, a quem esse modelo é atraente, respondem muito bem a ele. Porém, na maior parte do mundo ocidental, a porcentagem de pessoas que o consideram relevante tem caído rapidamente.

Pós-modernos são tão diversificados quanto flocos de neve. A boa notícia é que essa diversidade tem seu contraponto na diversidade transmitida pelo Espírito Santo (1Co 12–14).

Cristãos verdadeiramente cheios do Espírito não surgem através de uma linha de produção em massa. Em vez disso, eles são bastante imprevisíveis, assim como o próprio Espírito (Jo 3:8). *A variedade ilimitada de dons do Espírito Santo conduzirá a uma variedade de abordagens que vão ao encontro das diferentes mentalidades e necessidades dos pós-modernos.*

As pessoas mais apropriadas para alcançar pós-modernos são aquelas que tiveram experiências diversificadas e profundas na vida. Assim, elas conhecem bem os problemas comuns do “mundo real”. Além disso, tiveram uma experiência profunda e pessoal com Deus e descobriram quem são em Cristo. Elas conhecem o propósito de sua vida, e a sabedoria prática delas irá iluminar a vida de outros. Amigos, vizinhos e colegas de trabalho as verão como mentores. Elas buscam usar todos os dons dados pelo Espírito Santo para se relacionar com aqueles que não responderiam a abordagens tradicionais. Outros na igreja podem criticá-las por não agirem da maneira convencional, e por saírem de sua zona de conforto, mas pessoas movidas pelo Espírito irão usar seus dons com a coragem que vem da convicção de serem chamadas por Deus.

Fonte:

Jon Paulien, Ph.D. (Universidade Andrews), é diretor da Faculdade de Teologia da Universidade de Loma Linda (EUA). Ele é especialista no livro do Apocalipse e na relação entre fé e cultura contemporânea.

Adaptado de Jon Paulien, “God’s mighty acts in a changing world (Part 2 of 2)”, *Ministry*, abril de 2006, p. 13-15; Jon Paulien, *Everlasting Gospel, Ever-changing World: Introducing Jesus to a Skeptical Generation* (Boise, ID: Pacific Press, 2008), p. 121-134; Jon Paulien, *Reaching and Winning Secular People: A Strategy Manual* (General Conference Department of Personal Ministries, s.d.), p. 62-69.





BLOCO 4

O encontro
semanal

O Anfitrião

Líderes livres de
esgotamento

10

O Encontro Semanal do Pequeno Grupo

TEMPO ESTIMADO – 1H30

[1] Lanche e comunhão (20 minutos)

- Momento de descontração e de oportunidade para que as pessoas possam conversar e se conhecer um pouco mais.
- Poderá acontecer tanto no início como no fim da reunião.

[2] Quebra-gelo (10 minutos)

- É importante principalmente quando o grupo é novo e as pessoas não se conhecem.
- Características:
 - a) Não é um jogo. É uma atividade que ajuda a pessoa a tirar a atenção de si mesma e a se sentir à vontade com os outros.
 - b) Concentra todos os participantes em um assunto principal.
 - c) Quebra a hesitação inicial que cada pessoa tem para falar abertamente.
 - d) É preciso cuidado para não expor detalhes da intimidade de alguém.

[3] Louvor e adoração (10 minutos)

- Direcione o foco para o Senhor.
- Escolha cânticos conhecidos e fáceis.
- Providencie as letras das músicas para aqueles que não as souberem de cor.
- Não fique pregando e falando entre os cânticos.
- O líder precisa ter comunhão com Deus para que esse momento realmente flua.

[4] Compartilhamento (10 minutos)

- Esse momento dá a oportunidade para os membros testemunharem as bênçãos recebidas durante a semana anterior, compartilharem problemas que estejam enfrentando, e fazerem pedidos específicos de oração.
- É a ligação entre a lição ministrada na reunião anterior e a aplicação prática na vida das pessoas.

11 O Anfitrião

Segundo o Dicionário On-line de Português, anfitrião é “aquele que recebe pessoas para eventos ou festas em sua própria casa.”⁷ Em nosso contexto de comunidade, o anfitrião é a pessoa que recebe o pequeno grupo (PG) em sua casa com amor, disposição e paciência. O bom anfitrião não somente cede sua casa para os encontros, mas reconhece que essa é a oportunidade de desenvolver o dom que o Espírito Santo está lhe concedendo. Ser um anfitrião é receber a bênção, literal, de ter a igreja em sua casa. Cada anfitrião deve entender que está desempenhando um ministério diante de Deus, e não meramente cedendo sua casa para uma reunião. Ele atua como um guardião do ambiente do pequeno grupo.

O DOM DA HOSPITALIDADE

“A hospitalidade é uma qualidade de quem é hospedeiro, que permite que o estrangeiro entre em sua casa e se sinta bem. É um dom do Espírito que faz com que a pessoa tenha as características de afetuosidade e generosidade”⁸ O dom da hospitalidade é um dom louvado ao longo da Bíblia (Gn 18:6; Êx 22:21; Dt 14:28, 29).

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

- a) Abrem o lar com alegria, sentindo-se privilegiados em oferecer uma refeição ou repouso.
- b) Querem proporcionar um ambiente acolhedor para a evangelização de parentes e amigos.

- c) Estão mais interessados no hóspede.
- d) Oferecem o melhor que possuem.

O QUE SE ESPERA DO ANFITRIÃO

- Produzir um ambiente propício para atuação do Espírito Santo e ser agradável e hospitaleiro com os irmãos. Trabalhar em consonância com o líder.

- Receber o grupo por um tempo determinado, que pode ser renovado.

- Fazer o possível, durante as reuniões do pequeno grupo, para não haver televisão ligada na sala ao lado nem outra reunião paralela (exceto o pequeno grupo de crianças). Zelar para que nada atrapalhe o bom andamento do encontro.

- Ser ativo no pequeno grupo, pois ele deve desfrutar da bênção do encontro em sua casa.

- Ter a liberdade de falar com o líder caso tenha alguma reclamação quanto à conduta de algum membro do pequeno grupo.

O ANFITRIÃO IDEAL

AS RESPONSABILIDADES E

PROCEDIMENTOS DO ANFITRIÃO

- 1) Desejar servir como um obreiro cristão.
- 2) Possuir bom testemunho na vizinhança.
- 3) Obter consentimento de todos na família.
- 4) Estar sempre presente na reunião.
- 6) Receber os membros do pequeno grupo com alegria e satisfação.

12

Líderes Livres de Esgotamento

Liderar um movimento que busca salvar almas é um verdadeiro privilégio. Contribuir efetivamente para que pessoas tenham a oportunidade de mudar sua vida, conhecendo a mensagem do evangelho e aceitando a salvação em Jesus Cristo é uma experiência única! Enche a vida de propósito, reveste nossas atividades de uma importância sagrada e nos faz sentir extremamente úteis e felizes. É verdadeiramente um prazer servir a Cristo!

Por isso, todos os que são líderes na igreja experimentam a sensação de fazer parte de algo maior. Têm um sentimento de pertencimento a essa grande comunidade ao redor do planeta que, a despeito de suas diferenças culturais e étnicas, vivencia uma verdadeira unidade na diversidade, trabalhando em prol de um mundo que precisa ouvir a mensagem de salvação.

Então, ao fazer parte dessa família mundial, partilhamos dos mesmos interesses, dos mesmos objetivos e da mesma visão: fazer discípulos para Jesus Cristo. Essa unidade de propósito nos move dentro de uma perspectiva única de autodoação, colocando as necessidades de um mundo em pecado e de pessoas desconhecidas para nós acima de nossos próprios interesses. Portanto, ser um líder espiritual a serviço da mensagem de Cristo é antes de mais nada doar nossa vida em privilégio dos outros, da mesma forma como Cristo se doou por nós.

Assim, valorizamos muito a ideia de nos deixarmos gastar em prol dessa Missão. Sentimo-nos bem em dedicar nosso tempo, nossos talentos, nossos recursos e nós mesmos nesse propósito maior de levar pessoas aos pés de Cristo. Esse desprendimento se aprofunda a cada passo que damos nessa caminhada espiritual e nos sentimos cada vez mais intensamente inspirados em nos entregar a grande causa, dando e fazendo o nosso melhor.

Escrevendo sobre sua experiência pessoal de entrega, o apóstolo Paulo nos diz “não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20). Que maravilha podermos nos sentir tão ligados à missão e ao caráter de Jesus a ponto de nossa entrega ser total! Que privilégio poder nos sentir totalmente ligados a visão do Mestre, experimentando esse sentimento de consagração e renovação inteira de nosso ser! Portanto, ao exercemos nossa liderança espiritual, lembremos que cada passo que damos adiante em nossa entrega é um passo que damos para mais perto de Jesus.

Contudo, muitos líderes espirituais exercem sua liderança com tanta força e vigor que, em alguns casos, cruzam a tênue linha entre a dedicação e o exagero. Assim, tornam-se tão envolvidos em suas atividades, envolvem-se em tantas coisas ao mesmo tempo, dedicam tanto de si mesmo ao serviço de Mestre, mesmo em prejuízo de suas outras necessidades, que

podem experimentar um sentimento diferente da satisfação e renovação espiritual descrita anteriormente.

Consequentemente podem entrar em um ciclo vicioso, em que o processo de autoentrega se torna prejudicial, porque perde o propósito original de comunhão pessoal e santificação, e passa a alimentar um ciclo crescente de atividades que exigem cada vez mais tempo, mais envolvimento, mais desgaste pessoal, priorizando os meios em detrimento da finalidade. Dessa forma, ao perder o equilíbrio da autoentrega na liderança espiritual, podemos enfrentar um processo autodestrutivo de nossa saúde, nas dimensões física, mental e espiritual.

Então, esse ciclo vicioso nos leva a um processo progressivo de desgaste que culmina com um estado de esgotamento. Primeiro, esgotamento físico, com insônia, diminuição da imunidade, redução do desejo sexual e indisposição geral, com todas suas consequências diretas sobre a vida do indivíduo. Depois, esgotamento mental, com grande desgaste emocional associado, manifestado por ansiedade, angústia, depressão, diminuição da capacidade cognitiva, lapsos de memória e diminuição da aptidão e tolerância social, com consequente isolamento. Por fim, esgotamento espiritual, com sentimentos de frustração,

perda de propósito, diminuição da experiência de comunhão e frieza de sentimentos com as atividades de missão. E, em alguns casos extremos, todo esse esgotamento pode levar ao legalismo ou até mesmo ao abandono da fé.

É fundamental que tomemos medidas para que nossa experiência de liderança seja auto-constructiva, contribuindo para nosso crescimento espiritual e enriquecimento de nossa esfera de influência. Para isso, devemos ter em mente que doar-se para a causa de Cristo não nos exige o sacrifício pessoal da saúde, ao contrário, deve fortalecê-la. A palavra-chave é equilíbrio, ou seja, manter as diferentes áreas de nossa vida atendidas em suas necessidades básicas (veja a tabela abaixo).

Parece muito difícil organizar tudo isso em nossa vida? Mas não é. Toda longa caminhada começa com um primeiro passo: com a iniciativa de mudar. O conhecimento leva ao desejo e o desejo leva a ação. Quando conhecemos que existe uma maneira melhor de exercer nossa liderança, sentimos o desejo de mudar. Então devemos partir para a ação.

O segredo está em não se buscar a “perfeição” ao querer organizar e fazer tudo mecanicamente porque se acredita que é o melhor. Porém, começar a investir tempo em pequenos hábitos saudáveis, em ações construtivas. Assim, um hábito vai alimentando outro e

ÁREA	NECESSIDADE	AÇÃO
Pessoal	Bem-estar físico, mental e espiritual	Atividade física, alimentação saudável, lazer pessoal, estudo intelectual e comunhão diária
Família	Relacionamento, lazer e espiritualidade	Diálogo, brincadeiras, passar tempo junto, interesse mútuo, pequenos gestos, culto no lar
Igreja	Liderança, apoio e missão	Engajamento, empatia, humildade, foco, dedicação e equilíbrio
Amigos	Confiança, lazer e intimidade	Ouvir, lembrar, conversar, ser sincero, estar disponível e ter empatia.
Trabalho	Comprometimento, capacitação e eficiência	Honestidade, responsabilidade, estudo e organização



SER **IGREJA** É
SER **AMIGO**

+ *Comunhão* + *Relacionamento* + *Missão*



Igreja Adventista
do Sétimo Dia[®]

UNIÃO CENTRO-OESTE
BRASILEIRA